

A fotografia de viagens científicas paulistas e a sua circulação em exposições e publicações do início do século XX. ¹

Cláudia Moi ²

Resumo

O artigo inicia com uma síntese sobre as exposições universais, ambiente de grande circulação de fotografias em fins do século XIX e início do XX, visando o esclarecimento da importância de imagens científicas nesses eventos. Em seguida situa o que foi a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo e o seu trabalho científico no interior paulista no período da *belle époque* para depois relatar, como essa Comissão científica fez a divulgação do seu trabalho através da fotografia e de publicações. Por fim, busca compreender os grupos sociais onde circularam as fotos de viagens científicas da Comissão e a relevância das publicações ilustradas científicas na época.

Fotografia; História; Ciência; circulação; publicação.

O ambiente em que se propagavam novidades, invenções e realizações do progresso e da civilização ocidental em fins do século XIX e início do XX se davam nas exposições nacionais e internacionais. Esses eventos configuravam um projeto das nações européias e americanas, decididamente utópicos. Estas exposições constituíam uma "estranha combinação de carnaval e cerimônia, de circo e museu, de popularismo e elitismo". Marcavam principalmente datas que celebravam um calendário de eventos relativos as nações como o centenário de independência ou de uma revolução e ainda um tratado. ³

As exposições universais podiam ser entendidas como uma mistura de atração, as exposições são também eventos de culto a memória, mas diferentemente dos museus, apresentavam um caráter provisório. Configuravam-se assim como uma "vitrine da nação"⁴

¹ Trabalho apresentado ao NP 20 - Fotografia, Comunicação e Cultura, do VII Encontro de Núcleos de Pesquisa da Intercom - XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007.

² Mestre na área de fotografia em Multimeios pelo Instituto de Artes da Unicamp, restauradora - conservadora de fotografias e documentos em papel consultora do Memorial do Imigrante.

³ As exposições universais e nacionais, segundo Paul Greenhalgh ocorreram no século dezenove até o esgotamento do seu modelo pouco antes da Segunda Guerra Mundial Paul GREENHALGH, *Ephemeral Vistas: a history the expositions universelles, great exhibitions and world's fairs, 1851-1939*. Oxford: Manchester University Press, 1988,

⁴ Florence Pinot de VILLECHENON. *Les expositions universelles*. Paris: Press Univeristaires de France, 1992. p.14 e 16

Estas exposições, ainda, tinham uma grande audiência, diversidade de materiais expostos e configuravam-se como espaços privilegiados e de apelo estético. Apresentavam estágios das novidades, da indústria, ciência, concursos de *records* e um o sistema de recompense por prêmios (medalhas, diplomas e menções). Contudo o principal e mais importante caráter desses eventos para as nações tinha uma função ou “missão pedagógica” que buscavam oferecer aos cidadãos e ao mundo dos “letrados” a oportunidade de se inteirar das novidades, invenções e de todo o conhecimento da humanidade reunido em um só lugar.⁵

Mas, no Brasil o período de "brilho" das grandes exposições nacionais ocorreu no século XX, conforme Inez Turazzi, um tanto num sentido inverso ao que se dava na Europa e Estado Unidos. Assim, o Brasil realizou as suas duas maiores exposições em 1908 e em 1922, ambas a capital – o Rio de Janeiro – tida como a “metrópole cosmopolita ansiosa por se fazer reconhecida internacionalmente.”⁶

Desta forma pode-se compreender a importância da participação de instituições científicas nesses “eventos das nações” - tão significativos para a exibição das “ciências” e do “progresso”. Na virada do século XIX ao XX, ar no Brasil e no mundo ocidental, os homens encontravam-se embevecidos pela idéia de “progresso e civilização”, a chamada “Era da ciência”, representava “momento do triunfo de uma certa modernidade que não podia esperar... Velocidade, rapidez eram os lemas desse momento, quando não pareciam existir barreiras a frear.”⁷

E a fotografia, nesse sentido configurava-se como um meio de visibilidade dessa “ciência” na época e afirmava-a como um novo veículo tradutor das necessidades e características de uma “modernidade” que se implementava. A fotografia possuía aparentemente um caráter “realista”, informativo, detalhado e preciso em relação ao mundo das ciências e seus feitos.⁸

Em meio ao circuito das exposições, as fotografias de paisagem (as chamadas “vistas”) eram vendidas como *souvenirs* no Brasil e na Europa no século XIX, e transformaram-se em nova forma de propaganda e tipo de “objeto de consumo”

⁵ F. P. de VILLECHENON, op.cit.,p.10-16

⁶ Maria Inez TURAZZI, op.cit., p.23

⁷ A M COSTA, e L M. SCHWARCZ, 1890-1914: no tempo das certezas. S Paulo: Cia das Letras,2000, p.9.

⁸ M.I. TURAZZI, *Poses e Trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839/1889)*. Rio de Janeiro: Funarte/Rocco, 1995.p.20-23

incorporando valores da representação da natureza fossem eles (pitorescos, exóticos ou natureza recriada em jardins urbanos. Segundo Inez Turazzi:

“ilustrando conhecimentos e experiências diversas, a fotografia confirmava-se, assim para além das suas poses, paisagens e vistas urbanas, como veículo de uma linguagem nova "realista" e altamente convincente, que informava visualmente (...) pesquisas etnográficas, geológicas e naturalistas.”⁹

Esta grande circulação das fotografias de paisagens nas exposições estava inserida numa "cultura visual" já existente nas sociedades europeias desde o início do século XIX. A crescente busca por imagens de paisagens naturais estava ligada a um contexto de um rápido desenvolvimento urbano associado a um "impulso mapeador" de caráter militar e estratégico que se disseminou em toda a Europa da época.¹⁰

A Comissão Geográfica e Geológica e suas fotografias de viagens científicas.

A Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo foi uma instituição criada pelo governo imperial brasileiro em 1886, com objetivo de elaborar mapas e levantar de informações precisas e detalhadas sobre a geografia e geologia do Estado. Com esta instituição, o governo paulista, os grupos de fazendeiros de café e os grandes comerciantes da época, procuravam alcançar interesses econômicos particulares, como a exploração de recursos naturais, seja na agricultura, a mineração, na criação de hidrelétricas ou até a orientação para a construção de estradas no Estado de São Paulo.

A instituição fez diversos estudos aprofundados nas áreas de geologia, botânica, geografia, paleontologia, zoologia, e topografia nos anos de 1886 a 1904, dirigida por Orville A. Derby seu organizador.¹¹ Mas pautado em estilo de trabalho e visão enciclopédica de ciência a direção do geólogo O. Derby, descontentou os interesses imediatistas dos cafeicultores e do poder público paulista, que planejavam com a CGG, não só mapear a região oeste do Estado de São Paulo, o chamado "Sertão" paulista, com a

⁹ TURAZZI, M I. idem. p.147

¹⁰ Luciana L MARTINS,. *O Rio de Janeiro dos Viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p.50

¹¹ A Comissão Geográfica e Geológica também coletou para estudo em laboratórios *espécimes* botânicos, animais, fósseis, amostras de solo, desenhou alguns mapas e fundou os primeiros serviços técnico científicos, tais como o de meteorologia.

intenção de explorar e ocupar esta região. Após dezoito anos de trabalhos da CGG com Derby em sua chefia, a comissão não havia mapeado a vasta região sertaneja paulista, e assim, sob fortes críticas em 1904, Derby pediu demissão do cargo.¹²

Em 1905, o novo diretor para CGG, o engenheiro civil João Pedro Cardoso, funcionário de carreira e mais afinado com a política republicana do governo da época deu continuidade as atividades da Comissão, conferindo à instituição um aspecto mais pragmático, alterando alguns dos seus campos de estudo e sua orientação.¹³ Voltando-se para o sertão, realizou grandes expedições geográficas à região, o mapeando faixas que beiram rios importantes, como o Tietê, o Peixe, o Paraná e o Rio Grande. Desta forma, desenhou definitivamente a carta geral do Estado, o sertão e as fronteiras com os Estados do Mato-Grosso e Paraná.

Foi nessa época que se faz um grande uso da fotografia nas publicações da CGG, como meio de testemunhar o trabalho e principalmente catalisar apoio e aprovação de verbas.¹⁴ A presença de fotografias em relatórios científicos fazia parte de uma política de propaganda visando dar continuidade as suas expedições e buscar desta forma o apoio financeiro e intelectual da elite do governo na época.

Das imagens produzidas pela CGG existem fotografias originais e impressas, sendo algumas avulsas e a maioria montadas em álbuns de época. As fotografias impressas em relatórios científicos atingem uma quantidade aproximada de 1000 imagens, e as originais que foram preservadas somam aproximadamente 400 unidades. As fotografias versam sobre diversos temas, desde imagens da natureza pura, selvas, vistas urbanas, retratos de indígenas até o cotidiano dos próprios comissionários no seu trabalho em campo. A ênfase das imagens se dava nos recursos energéticos a serem explorados para a indústria, nas vias de comunicação possíveis de serem construídas para o comércio. As paisagens trazem imagens de grandes e pequenas cachoeiras, rios, riachos, matas, morros, cavernas, como também, vilarejos, casas, sítios, cidades.

¹² FIGUEIRÔA, Silvia F de Mendonça. *As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional, 1875-1934*. São Paulo: Hucitec, 1997, p.197

¹³ FIGUEIRÔA, 1997, p.197.

¹⁴ Seguindo o exemplo de Cândido Mariano da Silva Rondon, como nos relata Fernando de Tacca em seu trabalho sobre a filmografia e fotografias deste militar sertanista. TACCA, Fernando de. *A imagética da Comissão Rondon: Etnografias filmicas estratégicas*. Campinas, SP: Papirus, 2001. (Coleção Campo Imagético) pp.17-18

A imagem da CGG nas exposições universais.

A Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo participou de três importantes exposições no início do século XX: A Exposição Nacional em homenagem ao 100 anos da Abertura dos Portos no Rio de Janeiro em 1908, A Exposição Internacional da Indústria e do Trabalho de Turim na Itália em 1911; A exposição da Comemoração do Centenário da Independência do Brasil em São Paulo em 1922. A maior visibilidade das fotografias produzidas pela Comissão em expedições de campo se deu nas exposições nacionais de 1908 e 1922, pois para a exposição da Itália a Comissão apenas enviou mapas e tabelas com estudos geográficos e geológicos.¹⁵

Na Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908, a Comissão exibiu 64 itens: sendo 20 mapas e 45 fotografias. Estas estavam, segundo o catálogo dessa exposição, divididas em "mostradores" e quadros. Ainda nessa listagem publicada nesse catálogo da Exposição de 1908 constavam apenas a citação dos assuntos e locais fotografados.

Em termos de proporção numérica das fotos relacionadas no catálogo, em primeiro lugar de importância encontrava-se o tema "paisagens de natureza", representados pelas paisagens de saltos, cachoeiras, barras, rios, ilhas, gruta e fósseis com 21 imagens. Em segundo lugar com 16 fotos, a movimentação das turmas de exploração e por fim os acampamentos dos comissionários e uma missa campal com 14 fotos.¹⁶ Em destaque, as ampliações em grande formato de uma fotografia do Rio do Peixe e outra no rio Feio e de dois acampamentos próximo ao Peixe todas expedições ao "extremo" sertão do estado de São Paulo em 1906.¹⁷

A ênfase dada às expedições ao sertão paulista se dava pelo fato de que, principalmente, havia a preocupação e a necessidade de divulgação da presença dos

¹⁵ Relação de Despesas referente ao mês de abril de 1908 (FGG, Sde, Caixa 23) e Relação de Despesas referente ao mês de setembro de 1922 (FGG, Sde, Caixa 29) Arquivo Histórico do Instituto Geológico.

¹⁶ COMISSÃO EXECUTIVA DA EXPOSIÇÃO DE SÃO PAULO. *Catálogo da Exposição Nacional de 1908*. Rio de Janeiro: Oficinas typographicas do Diário do Comércio, 1908, pp10-11

¹⁷ Era conhecido como o sertão, o "oeste paulista", ou "terrenos desconhecidos", o denominado "oeste paulista", que na realidade situava-se no noroeste geográfico do estado, mas recebeu esse nome porque ficava a oeste das regiões povoadas desde o início do século XIX. Essa região do sertão também era assim conhecida através da legenda apontada nos mapas veiculados na época como: "Terrenos ocupados por indígenas ferozes" impressa na *Carta Geral da Província de São Paulo* de 1868 por Cândido Mendes do *Atlas do Império do Brasil*. Essa carta constituía a primeira versão visual do território que circulava no meio dos letrados e técnicos. SLENES, R. W. *Senhores e subalternos no Oeste Paulista*. In NOVAIS, F. (org.). *História da Vida Privada no Brasil Império*. S Paulo: Cia das Letras, 1997, v.2 p.235

comissionários paulistas nessa região. Todas fotos são paisagens naturais com os comissionários em atitude posada, marcando-se os com essa imagens que o trabalho ou acampar-se nos sertões como um ato solene diante do evento fotográfico.

No entanto, na exposição nacional de 1922, também no Rio de Janeiro, a presença da fotografia da CGG parece menor pelo que constam do catalogo dessa exposição. As poucas fotografias das salas dedicadas a Secretaria da Agricultura no “pavilhão” de São Paulo marcam-se a presença de diversos órgãos onde a participação da CGG parece mais diluída. Foram expostos 20 mapas (entre mapas de regiões, cidades e Cartas gerais) , uma coleção de minérios os relatórios das explorações geográficas realizadas nos rios Tiete, Paraná, Grande, Iguape, Peixe litoral etc.¹⁸ Ao que parece o objetivo se focou na exibição muito mais dos mapas do que nas fotos nesse momento, mas que não deixaria de se interessar e marcar presença visual na exposição de 1922 – as riquezas do sub solo para o desenvolvimento industrial e comercial eram o centro das atenções neste ano de exposição nacional no Rio de Janeiro e dariam a São Paulo a devida importância do estado mais rico do país em várias modalidades econômicas.

Gabinete de Curiosidade: os escritórios da CGG

Outro espaço importante de exibição para as fotografias da Comissão foram às paredes das salas e corredores dos próprios "escritórios" da Comissão. Tratava-se de um espaço privativo dos funcionários, autoridades, técnicos e cientistas, ou seja a elite letrada paulistana. Sua exposição era permanente e, provavelmente, conferia a CGG um reforço contínua na “missão” ou ideário de ação da instituição.

As paredes escritórios da Comissão eram era decoradas com diplomas, placas de homenagens, fotografias de variados tamanhos (chamadas "vistas do sertão"), artefatos indígenas, peles de animais das caçadas e outros *souvenirs* da selva e do sertão paulista.¹⁹

¹⁸ A EXPOSIÇÃO DE 1922 revista do órgão de propriedade da comissão organizadora da exposição de 1922, Rio de Janeiro, Typographia Fluminense (orgs.) J.Pires do Rio e Antonio Olyntho , n.10-11, dez,1922.

¹⁹ Podemos percorrer esses por meio da descrição do arquivista José Antônio Villela as salas do escritório da CGG lendo uma lista sua: “Sala do Chefe da Comissão: 6 Molduras com diplomas e mapas, 5 Molduras com vistas do Sertão, 1 Moldura com retratos (exploração do sertão), 1 Moldura com o retrato do Cons[elheiro] João Alfredo, 1 Placa de Bronze (prêmio da exposição de Turim) (...) Sala Contígua: 3 Quadros com photographias e mapas, Sala de espera: 3 Quadros com photographias e mapas; Corredor do 1º andar: 2 Quadros com photographias; (...) Sala da Biblioteca: 21 Quadros diversos com photographias, 1

Assim pode-se dizer que a configuração dos escritórios era uma miscelânea de um *Cabinet de Curiosité* do século XVIII e/ou vitrine de museus do século XIX.

O Gabinete de Curiosidades era "uma forma expositiva e de organização do conhecimento humano ocidental, elaborada por amadores e sábios que buscavam estudar a natureza com fins científicos iniciado no século XVI na Europa".²⁰ Do final de século XIX e início do XX no Brasil, os gabinetes se transformaram em Museus, segundo Lilia Schwarcz marcavam um "momento específico de uma história comemorativa, onde a memória das nações, representada e disposta nos museus, parece constituir-se em elemento essencial ao que se costuma chamar identidade individual ou coletiva das nações."²¹ Desse modo que o escritório da Comissão Geográfica e Geológica apresentava-se como um misto de local de trabalho, panteão de heróis, estudo e exibição pública do fazer e dos saberes da CGG.

Na sala do chefe, segundo o relato do arquivista, encontravam-se as homenagens pessoais, prêmios pelas realizações da Comissão (alguns diplomas e placas de prêmios recebidos nas exposições realizadas com materiais resultante das explorações como mapas e fotos). Na biblioteca, eram colocadas as fotografias de expedições na mesma categoria e importância os *souvenirs* do sertão dos artefatos de indígenas, pele de animais e as próprias imagens das fotografias das expedições. Os apetrechos "achados" em meio às andanças dos comissionários possuíam um significado maior do que peças de museu, representavam verdadeiros troféus das "viagens heróicas" empreendidas pela CGG.

Nesta época, entre o século dezenove e o vinte, opera-se "uma revolução nas maneiras de viajar", o indivíduo experimentava uma nova vivência em relação ao espaço. Segundo Alain Corbain, inspirados em retratos de viagens pitorescas, as literaturas românticas transformam o ato de viajar em uma aventura. As viagens no mundo moderno deixaram de ser algo exclusivo da elite nobiliárquica, com os trens e circulação dos vapores, a intensidade de viajantes cresce no avançar do século dezenove em diante. As

columna giratória com photographias das explorações do sertão, 1 Estante com arcos e flechas, 3 Pilões de Índios, 11 Maços de flechas, 1 Pele de sucury, Diversos artefactos de Índios (...) José Antônio VILLELA Inventário do material da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo feito em Dezembro de 1919 pelo encarregado do Archivo e Material (datilografado), p 5-6 (AHIG – FGG, Série Patrimônio, Caixa 14)

²⁰ BELLUZZO, Ana Maria M. **O Brasil dos Viajantes**. S Paulo, Metalivros/ Fund. Odebrecht, 1994, vol.3

²¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. O nascimento dos museus brasileiros. In MICELI, Sérgio. **Historia das ciências sociais no Brasil**. São Paulo. Vértice/IDESP, 1989. . Vol. 1 1989.pp20-22

lembranças das "excursões heróicas" são riqueza da família burguesa e contribui para entrelaçar uma rede de amigos.²²

Apesar dos comissionários, engenheiros e trabalhadores operários estarem nas explorações ao "sertão" paulistas incumbidos de realizar uma "missão" difícil de ser cumprida por um contrato com o governo do Estado, as características reveladas nas imagens cotidianas da CGG, demonstra este aspecto de viagem heróica e aventureira tão próprio da época, onde alcançar fronteiras não somente significava o avançar da civilização, mas muito mais traduzia o prazer da aventura de chegar onde nenhum homem branco havia colocado antes os seus pés.

Explorando os relatórios: a produção editorial.

Presentes nas exposições nacionais e um dos principais divulgadores das imagens da CGG, os *relatórios de expedições* foram importante um veículo de circulação das fotografias da CGG. Primeiramente porque a sua difusão teve um longo alcance, não só eventos nacionais como também foi distribuído durante alguns anos no Brasil e exterior e por fim como um registro permanente e referencial para a memória das expedições.

Produzidos e editados no período de gestão de João Pedro Cardoso, os intitulados *relatórios de expedições de rios e regiões* foram todos publicados em São Paulo pela casa comercial *Typographia Brasil de Rothschild & Co.* Conforme nos informa Gerodetti e Cornejo, essa casa comercial surgiu da associação dos alemães Moritz Rothschild e Carlos Gerke, em São Paulo passando a funcionar em 1904, na rua 15 de novembro, com uma variada produção tipográfica como litografias, estereotipia, cartões postais preto-branco e coloridos no processo de cromolitografia.²³ Ainda, segundo os autores Gerodetti e Cornejo "dedicava-se à publicação de obras científicas" e ficou muito conhecida pela impressão dos relatórios de exploração da Comissão Geográfica e Geológica. Interessante notar que, coincidentemente o período em que a CGG deixou de publicar seus relatórios de

²² Alain CORBAIN. O segredo do indivíduo. In *História da Vida Privada: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Org Michelle Perrot, São Paulo: Cia das Letras, 1991.pp419-501.vol 4

²³ GERODETTI, J. e CORNEJO, C. *Lembranças de São Paulo: o litoral paulista nos cartões postais e álbuns de lembranças*. São Paulo: Solaris Edições Culturais, 2001.p188

exploração, corresponde a uma fase de ausência de Rothschild das atividades gráficas e do Brasil.²⁴

Estes relatórios da CGG organizados por expedições são divididos por localidades: as explorações de rios e por regiões - interior e litoral. As explorações de rios abrangem a área do sertão foram publicadas desde 1905 até 1913, contando com duas a três edições.

O formato físico dos Relatórios de expedições da CGG era de 46,5 cm por 33,5cm, o que corresponde 18 x 13 polegadas inglesas, com uma média de 20 a 40 fotografias impressas em processo de fotogravura, com encadernação em brochura costurada e capa em papel cartão. Com uma composição definida por páginas impressas com texto em colunas, intercaladas de páginas impressas exclusivamente com imagens, geralmente em papel couchê para garantir a qualidade das fotos.

Esta composição gráfica dos relatórios era semelhante ao de Atlas publicados por Sociedades Geográficas ou empresas de levantamento geográfico cartográfico europeu e norte americano, como por exemplo, *The National Geographic Society*, *United States Geological Survey Co*, *The Royal Society United King* etc. Portanto, a diagramação, formato, suporte dessas publicações ajudavam a conferir um ar cosmopolita aos assuntos tratados pela Comissão

Os relatórios e boletins da CGG buscavam seguir um padrão cosmopolita, dito "civilizado" no período da primeira República vivia-se um "processo de aburguesamento cultural e estético na sociedade brasileira". Conforme o historiador Nicolau Sevcenko, havia um "desejo de ser estrangeiro", que se inscrevia num movimento que buscava apagar as marcas na "cultura brasileira" dos seus aspectos coloniais e "popularescos".²⁵

Na imprensa, nas literaturas científicas e na de cronistas da época travava-se, nos termos de discursos uma verdadeira batalha contra os vestígios da "doença", "atraso", "preguiça" atribuídos a "cultura brasileira" com o objetivo de obter a implantação do "progresso", do "chic" e dos ares de "civilização" europeus. Assim, copiar os aspectos da cultura européia e norte-americana, era inserir-se num âmbito cosmopolita. Como diz

²⁴ Segundo esses autores em 1917 "quando o Brasil entrou na Primeira Guerra Mundial, devido as suas atividades germanófilas (...)Rothschild foi incluído numa lista negra do governo, sendo impedido de exercer atividades comerciais. Ao finalizar a guerra, voltou ao país, retomando sua atividades na área gráfica." GERODETTI, J. e CORNEJO, C, Idem, p188

²⁵ SEVCENKO, NA *literatura como missão: tensões sociais e a criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.pp35-36

Sevcenko: "Essa atitude cosmopolita desvairada adentra por quase todo esse período [*belle époque*], exercendo placidamente a sua soberania sobre as imaginações" ²⁶ O fato dos relatórios de exploração da Comissão Geográfica e Geológica apresentarem um formato similar ao europeu e norte-americano, significava a procura pela aceitação e inserção num mundo letrado "científico cultural", cada vez mais ditado por padrões cosmopolitas.

A ânsia em conquistar um sucesso na divulgação de resultados das expedições ao sertão paulista denota-se do alto investimento na produção editorial destes relatórios e o cuidado no acabamento. O relatório da expedição ao Rio do Peixe, que teve sua primeira edição em 1905 e a sua segunda edição em 1913, que contemplava 50 fotos, 9 mapas, a um custo de 2:930\$000 por 3000 exemplares,²⁷ O relatório do Rio Ribeiro de Iguape que teve um grande de número de mapas e fotografias apresentou um preço total de 8:950\$000 para a produção de 3000 exemplares da sua segunda edição de 1914.²⁸

Já o relatório publicado com o maior número de fotografias – o da exploração do Rio Grande e seus afluentes e São Jose dos Dourados teve a sua edição confeccionada com clichês enviados para a Alemanha pela *Typographia Brazil de Rothschild* com uma produção de 3000 exemplares a um custo de 3:540\$000 em 1913. ²⁹ Alguns relatórios tiveram até três edições, como o do Rio Tietê que, provavelmente, pela importância histórica e geográfica para o estado suscitava mais interesse, enquanto que a maioria teve uma média de duas edições. ³⁰

Esses dados demonstram o volume, os altos gastos que o governo paulista empregou na divulgação dos relatórios e por sua vez e a importância do trabalho da própria CGG. Num mercado editorial pequeno e de pouca circulação de materiais tão específicos como os do tipo científico, esse investimento representa um significativo investimento do poder público na propaganda e na consolidação de sua imagem.

²⁶ SEVCENKO, idem.

²⁷ Estas informações constam na da Carta da Casa Rothschild à João Pedro Cardoso Correspondência passavia da CGG de 12/03/ 1913 (AHIG-FCGG, Série Técnico Científica, Caixa 38)

²⁸ Estas informações constam na da Carta da Casa Rothschild à João Pedro Cardoso, Correspondência passiva da CGG de, 28/11/1913 (AHIG-FCGG, Série Técnico Científica, Caixa 38)

²⁹ Nota fiscal de 31/12/1912 da Typographia Brazil de Rothschild & Co. anexa à Relação de Despesas da CGG (AHIG – FGG, Série Despesas, caixa 23)

³⁰ Tomando por base que cada tiragem de relatório de expedição tinha uma tiragem de 3.000 por edição deduzir que os Relatórios dos rios do Rio Grande, Litoral (1 e 2) e Regiões de 3.000, os rios Feio, Peixe, Paraná, Iguape e Juqueriquerê tiveram uma tiragem provável de 6.000, e do rio Tietê de 9.000 exemplares no total de suas três edições.

Um mercado editorial de periódicos e livros no início do século XX no Estado de São Paulo crescia no mesmo ritmo de outras atividades comerciais e industriais. A produção livresca de 1900 até 1922 abarcava consideráveis capitais investidos e altos lucros representados pelo número significativo de mais de cem casas editoras (entre editoras de fato, distribuidoras e tipografias), apesar da "exigüidade do público real" devido ao alto índice de analfabetos. Mas, ainda assim foi razoável o aumento em função da imigração estrangeira e do crescimento da população letrada, em comparação ao século anterior.³¹

No início do século XX houve, conforme Nicolau Sevcenko, o desenvolvimento de um "novo jornalismo" representou um fenômeno marcante na área da cultural e acadêmica. A literatura e a imprensa escrita concorriam com outras formas de lazer, as "transformações nas técnicas de comunicação, acompanhando e aprofundando as mudanças do modo de vida em todo o mundo" forçaram a imprensa e literatura a passar por uma adaptação aos tempos modernos, num cotidiano com formas alteradas na velocidade do tempo.³²

A imprensa era amplamente consumida pelas camadas alfabetizadas urbanas e esse "novo jornalismo", desde as revistas "mundanas" aos jornais conservadores, tornaram-se mesmo a "coqueluche" da burguesia urbana, significando o seu consumo, "um sinal de bom tom" ou a perfeita integração ao mundo cosmopolita de gostos euporeizantes.

O circuito de divulgação ou veiculação dos Relatórios ilustrados de Exploração, onde se dava difusão das imagens da CGG, ocorria por meio da distribuição gratuita a diversos grupos sociais, políticos e culturais de áreas da administração pública direta ou indireta, um "métier literário científico" e grupo dos "negócios" comerciais, industriais e agrícolas. Circulavam então, no que poderíamos chamar de "mundo letrado e acadêmico" da época.³³

Os relatórios de exploração científica, onde estavam inseridas estas fotografias de expedição, não eram postos a venda e consumo como os tradicionais álbuns de vistas comercializados pelos fotógrafos comerciais da época. Quase como um "Atlas" ilustrado ou de memórias de viagens científicas dava um significado as imagens fotográficas da CGG como um conjunto de viagens geográficas e de estudos. Portanto, o padrão de circulação

³¹ De acordo com informações de especialista no assunto, os dados de época apresentavam que havia em 1920 cerca de 70% de analfabetos no estado São Paulo e 42% estavam na capital - DEL FIORENTINO, T. A. *Prosa de Ficção em São Paulo: produção e consumo (1900-1922)* São Paulo: Hucitec, 1982.

³² SEVCENKO, Op Cit. p97

³³ FERREIRA, A C, idem.

sob o ponto de vista de fotógrafos de estúdio não pode ser aqui comparado a especificidade desse material. Mas, antes sim entender esses relatórios como uma divulgação oficial do país, uma propaganda do estado de São Paulo, suas riquezas naturais sob num olhar geográfico. Mas como as fotografias de sociedades geográficas internacionais (*National Geographic*, *Royal Society* etc) estas fotos de viagens ou “missão científica” fotográfica, nunca deixou de descrever o mundo de forma estética.

O "*métier* literário científico" que recebia os relatórios da CGG, era representado pelas escolas de engenharia, instituições de pesquisa, bibliotecas, grupos escolares, museus nacionais e internacionais (das áreas de história natural, geologia e zoologia). Para citar alguns exemplos desse *métier* temos: Escola de Minas de Ouro Preto, Escola Agrícola Luiz de Queiroz, Escola Normal, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas do Ministério da Guerra, Instituto Oswaldo Cruz, Gabinete de Leitura Português, Biblioteca Nacional, Museu Paulista, Museu Nacional, British Museum, Smithsonian Institution (EUA), American Geographical Society, Society Royal Geographical Society (Inglaterra) entre outros menos conhecidos.³⁴

Ao setor dos "negócios" comerciais, industriais e agrícolas enviavam-se as publicações da CGG a clubes, associações de profissionais de áreas afins, empresas fornecedoras de energia, ferroviárias e portuárias bem como diretamente à membros da elite industrial, comercial e dos fazendeiros de café. Assim temos mais exemplos mais significativos no: Clube Militar, o Automóvel Club do Brasil e de São Paulo; o Clube de Engenharia Brasileiro, a Companhia *Light and Powers Co*, a *São Paulo Tramway*, Companhia de Navegação Loyd Brasileiro e outras mais. Para os nomes relevantes da elite paulista, tem-se: Joaquim Timotheo de Oliveira Penteado, Cincinato Braga, Antonio Salles Penteado, Alympio Paranhos e outros.

Para as empresas e classes mais abastadas as publicações da CGG exerciam a função de propaganda do governo, fundamentada na confiabilidade ao trabalho científico colocava-se este grupo a par das obras e realizações sob os custos do Estado paulista.

Em análise da produção de três gerações de letrados paulistas no período compreendido entre 1870 e 1940, Antônio Celso Ferreira define que esse “mundo letrado e

³⁴ Parte da relação dos destinatários das publicações da CGG foram retiradas de VIÉGAS, R. *Relatórios da Comissão Geográfica e Geológica e a Comunicação Científica no Brasil (1886 à 1928)*. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes - USP, 1996 (tese de doutorado) p.142-151

acadêmico” era formado de homens de origem aristocrática, classes mais abastadas e segmentos da média burguesia em ascensão. "Boa parte da intelectualidade paulista ocupava posições de prestígio no aparelho do Estado, incentivando o patrocínio deste as atividades científicas e artísticas literárias" e passaram a se beneficiar pelas novas potencialidades do mercado.³⁵

Estas as publicações da CGG circulavam em meio a um grupo científico letrado, mas também eram destinados ao público em geral (de bibliotecas, clubes e administração publica) apresentando-se como álbum de viagens e relato de expedições do que um relatório científico como se define no título da obra.

Finalizando, podemos entender que estes relatórios de exploração geográfica eram uma obra que se configuravam mais como um misto de obra científica a serviço pedagógico da população. Neste contexto as fotografias da CGG presentes nas publicações, exposições e paredes dos escritórios cumpriam uma função de propaganda, mas que chamavam atenção do público pelo seu caráter exótico e belo para qualquer visitante ou leitor daquela época.

Referências Bibliográficas:

BELLUZZO, Ana Maria de M. **O Brasil dos Viajantes**. São Paulo: Metalivros; Salvador: Fundação Odebrecht, 1994, volume 3. (viagem e paisagem)

COSTA, Angela Marques da e SCHWARCZ, Lilia Moritz. **1890-1914: no tempo das certezas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DEL FIORENTINO, T. A. *Prosa de Ficção em São Paulo: produção e consumo (1900-1922)* São Paulo: Hucitec, 1982.

FABRIS, Annateresa. **Fotografia: usos e funções no século XIX**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1991. (coleção texto & arte; v.3)

FERREIRA, Antônio Celso. **A Epopéia Bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)**. São Paulo: ed. Unesp, 2002.

FIGUEIRÔA, Silvia Fernanda de Mendonça. **As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional, 1875-1934**. São Paulo: Hucitec, 1997

³⁵ O autor realiza um estudo com grande competência numa articulação entre história e literatura no esforço de compreender uma realidade, abarcando os conhecimentos populares, eruditos, poético e científico deste período. "Da epopéia bandeirante ao eldorado desabitado do sonho". FERREIRA, Antônio C. Op. Cit. p209

_____. Ciências Geológicas no Brasil no século XIX, in **Um olhar sobre o passado: história das ciências na América Latina**, Campinas: Editora da Unicamp: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. (Coleção Pesquisas)

FREITAS, Marcus Vinicius de. **Hartt: Expedições pelo Brasil Imperial 1865-1878**, São Paulo: Metalivros, 2001.

GREENHALGH, Paul. Ephemeral **Vistas: a history the expositions universelles, great exhibitions and word's fairs, 1851-1939**. Oxford: Manchester University Press, 1988,p.

KOSSOY, Boris. **Origens e expansão da fotografia no Brasil - século XIX**. Rio de Janeiro: Funarte, 1980.

_____. **Fotografia & História**, 2º edição, . São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MARTINS, Luciana de Lima. **O Rio de Janeiro dos Viajantes: o olhar britânico (1800-1850)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001

NEWHALL, Beaumont. *Documentary photography*. **The History of photography: from 1839 to the present**, 1º edition, New York: Museum of modern art / Little Brown and Cia, 1982.

SEVCENKO, N.A *literatura como missão: tensões sociais e a criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.pp35-36

SLENES, R. W. *Senhores e subalternos no Oeste Paulista*. In NOVAIS, F. (org.). **História da Vida Privada no Brasil Império**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

TACCA, Fernando de. **A imagética da Comissão Rondon: Etnografias filmicas estratégicas**. Campinas, SP: Papirus, 2001. (Coleção Campo Imagético)

TURAZZI, Maria Inez. **Poses e Trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839/1889)**. Rio de Janeiro: Funarte/Rocco, 1995.

VASQUEZ, Pedro Karp. **A fotografia no Império**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

VIÉGAS, Rosemari. **Relatórios da Comissão Geográfica e Geológica e a Comunicação Científica no Brasil (1886 à 1928)**. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes - USP,1996 (tese de doutorado)

VILLECHENON. Florence Pinot de **Les expositions universelles**. Paris: Press Univeristaires de France, 1992.

Fontes da Pesquisa:

Fotografias do Fundo CGG pertencentes aos Acervos Históricos dos Instituto Geológico e Instituto Geográfico e Cartográfico do Estado de São Paulo

COMMISSÃO GEOGRÁPHICA E GEOLÓGICA Exploração dos rios Itapetininga e Paranapanema, por Theodoro F. Sampaio, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889.

COMISSÃO GEOGRÁFICA E GEOLÓGICA. Exploração do rio Tieté (Barra do rio Jacaré-Guassu ao rio Paraná). São Paulo, 1906.